

As 70 Semanas de Daniel

V.24. Setenta semanas estão determinadas: sobre o teu povo e tua santa cidade,
para fazer cessar a transgressão
e para dar fim aos pecados
e para expiar a iniquidade:
e trazer a justiça eterna
e selar a visão e a profecia
e para ungir o Santíssimo.

O *Qere* é seguido em dois casos, *i.e.*, “completar” (לְהַתֵּמַם) para “selar” (לְהַתְּמַם), e o singular “pecado” (חַטָּאת) para a forma do plural (חַטָּאוֹת); também o artigo na palavra “transgressão” (הַפְּשָׁע) é elidida.

A exibição das cláusulas acima no gerúndio representa o progresso do pensamento: primeiro o tema reiterado do preenchimento da medida do pecado conforme 8: e, em seguida, a consumação do propósito divino e trazer a justiça eterna.

A expressão setenta semanas ocorre com este significado ao longo dos Jubileus, na Mishná, Sanh, 5, 1, etc. Assim, o termo é 490 anos. A expressão: “são decretadas” se trata de um *hapax legomenon* no Antigo Testamento, mas é encontrada no Talmude.

Pode se notar que Teodocião traduziu συνετηθήσαν (completo), o qual a versão antiga latina traduziu para *são encurtados*, e a *Vulgata* fez uso pelo padrão *abbreviatae*, “são encurtados.”

“sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade”: A versão Árábica usou o vocábulo “contra” (*ala*) no sentido de débitos judiciais. Sobre o pronome Jerônimo e depois Eusébio *Dem. ev.*, iii, 2, observaram que eles estão em paralelo com Dt. 32:7.

“e para expiar a iniquidade”: o vocábulo “expiar” כִּפֵּר, como também יִצְדֵּק, “justiça,” a próxima cláusula, são termos legais.

As versões de Áquila e a de Teodocião parecem ter lido לְהַתֵּמַם no lugar de לְהַתְּמַם, a variação permite que os dois verbos sejam traduzidos “por completar,” ou então eles deram esta interpretação de לְהַתֵּמַם para visão e profecia como uma hendíadis= “visão profética.”

“e para ungir o Santíssimo”: Literalmente, “santo dos santos.” O termo é usado sempre de coisas sacrossantas ou lugares: da tenda da reunião, o templo, do território pertencente ao templo, os altares, os vasos sagrados, incenso etc.

Para a unção como o ato de consagração como Ex. 29:36, 30:26, 40:9, onde a prescrição da unção sempre precede uma alusão ao santo dos santos.

A Igreja compreendeu a expressão ἅγιον ἄγιων da Septuaginta e Teodocião (entretanto versões gregas e o Antigo Testamento usam essa forma ἅγια ἄγιων frequentemente) como masculino e se referindo a Cristo; assim Hipólito iv, 32⁴, ἅγιος δὲ ἄγιων οὐδεὶς, εἰ μὴ μόνος ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, e versões em latim como Tertuliano relatam: *ungatur sanctus sanctorum* = a Vulgata e assim, definitivamente, na versão Siríaca קודשין קודשין למשיחא (למ' o texto em hebraico relata למשח) “o Messias, o Santo dos Santos.”

Esta interpretação messiânica foi, em geral, adotada por Lutero (Luther's German Version), Calvino, etc. Áquila possivelmente favorece-o com a ἡγιασμένον ἡγιασμένων. Ibn Ezra identifica “santo dos santos” como o Messias já Schöttgen, *Horae hebr.*, 2, 264, cita Nachmanides: “O santo dos santos é nada mais do que o Messias, o santificado, dos filhos de Davi.” Rabino Beir, xiv, 18, relata: “Que é a Justiça Eterna? o Rei Messias” (citado por D'Envieu 2, 909). Deve ser notado que o vocábulo שקד, “santo,” no versículo 26, se refere ao santuário.

V. 25. Sabe e entende.

Esta solicitação dá abertura a revelação. Os dois verbos (saber e entender) praticamente são sinônimos. Segue-se na análise das 70 semanas em três períodos:

1. O primeiro período de sete semanas.

a) “Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas”. A ordem aqui se refere ao vocábulo “palavra” o qual se refere ao versículo 2 aonde a “palavra do Senhor veio a Jeremias”.

Temos aqui um exemplo notável de uma dupla interpretação de uma profecia:

Jerônimo informa que a profecia da restauração se cumpriu no retorno do período *Persa* o qual ele sugere o cálculo deste período em $7 \times 7 = 49$ anos.

Já outros interpretam a interpretação de Jeremias de 70 anos simbolicamente como 70 semanas. A felicidade prometida pelo profeta na consumação dos 70 anos tinha notoriamente não a de uma consumação; pois seria necessário encontrar um significado secundário final — um processo de teoria interpretativa que tem sido abundantemente ilustrada desde então na interpretação desta passagem.

A interpretação segue a pontuação da massora massorética, que coloca o *athnah* no vocábulo “sete.” Mas algumas versões como a Septuaginta (27a), Teodocião, Siríaco e Vulgata, interpretam “7” e “62” como um numeral, seguida pelas versões Luther's German Version e King James'; e em seguida algumas versões enfatizam essa combinação, inserindo um “e” antes da próxima frase.

Mas porque foi deixado 7 + 62? É interessante que os exegetas cristãos mantiveram a verdadeira sintaxe da passagem. A Septuaginta fez uma bagunça confundindo os vocábulos שבועים “semanas” e שבעים “setenta” por ser semelhante.

b) “até ao Ungido, ao Príncipe” עַד מְשִׁיחַ נָגִיד: A história da interpretação dessa expressão é marcada por várias versões.

A *Septuaginta* expressa apenas o segundo termo נָגִיד = κύριος. Já *Teodocião* relatou: ἕως χριστοῦ ἡγουμένου (até o unguido da liderança); *Siriaco* “até o Rei Messias”; *Vulgata* ad Christum ducem (até Cristo o líder); Luther’s German Version: ‘auf den Christum, den Fürsten’ (ao Messias o príncipe); King James: “unto the Messiah, the Prince” (até ao Messias, o Príncipe); versão judaica até “um unguido, um príncipe”.¹ Os substantivos, como a versão judaica indica, são anarto. “Messias” é epíteto de rei, sacerdote (2 Mac. 1:10), profeta e até mesmo de Ciro (Is. 45:1).

O termo “príncipe” qualifica o primeiro e é usado por oficiais de patente: como um chefe entre os funcionários, especialmente no templo, 11:22; sumo sacerdote; de nobres ou príncipes (Jo 29:10, 31:37). Entretanto os dois termos são ambíguos, e sua combinação não auxilia a identificação, para o qual foram propostos dois candidatos: Ciro, o “ungido” de Is. 45:1; e Zorobabel, o aclamado Messias da Restauração; com seu contemporâneo, o sumo sacerdote Josué.

Se o vocábulo מְשִׁיחַ do versículo 26 for um sumo sacerdote depois Onias III, é razoável atribuir o título aqui a uma das linhagens sacerdotais, daí a Josué, com a inclusão dos príncipes seculares. O interesse do escritor reside não na linhagem real legítima, mas na manutenção do culto. Os ritos foram suspensos em 586 com a destruição do templo, e foram retomados em 538, *i.e.*, *cerca de 49 anos*.

26, 27. O terceiro e último período de uma semana.

26a E depois das 62 semanas será cortado o Ungido [literalmente]. O verbo “cortar” (כרת) é usado de destruição de pessoas, conforme Gen. 9:11, e tecnicamente da pena de morte, Lev. 7:20, etc. O sujeito מְשִׁיחַ “ungido” é novamente anarto e utilizado como título. A interpretação aqui sugeriu o martírio do sumo sacerdote Onias III, que foi assassinado por seu rival em Antioquia, 2 Mac. 4:23–28. A expressão seguinte, traduzido literalmente por cima, לֹא אֵיךְ לוֹ, pode significar “e nada tem” ou “sem nada”.

26a. יכרת]

מְשִׁיחַ = é igual a *Septuaginta* e *Teodocião* que registram χρίσμα, como מְשִׁיחַ, e esta tradução foi continuado pelas versões gregas e vários comentários.

Josefo identifica este evento com a morte do último sumo sacerdote Anás, (*B.J.* iv, 5, 2).

Eusébio, identifica-o com sumo sacerdote Hircano assassinado no tempo de Herodes (*Dem. ev.*, viii, 2).

¹ ‘Jewish Version,’ *i.e.*, The Holy Scriptures acc. to the Massoretic Text, Philadelphia, 1917.

Mas os Pais das Igrejas aderindo às obras de Teodocião utilizaram o vocábulo $\chi\rho\acute{\iota}\sigma\mu\alpha$ remetendo a questão do termino dos ritos judaicos após o advento de Cristo.

Assim Tertuliano relatou: “debellatis Iudaeis postea cessauerunt illic libamina et sacrificia, quae exinde illic celebrari non potuerunt; nam et unctio illic exterminata est post passionem Christi” (*Adv. Jud.*, viii).

Também Policarpo fez uso do vocábulo com o seguinte registro: o “crisma” significa “o sumo sacerdote”, que cessaria seus trabalhos com a destruição de Jerusalém.

יְיָ יִשְׂרָאֵל] Áquila traduz essa expressão para: καὶ οὐκ ἔστιν αὐτῶ () ; Simaco, κ. οὐχ ὑπάρξει αὐτῶ (); a Septuaginta κ. οὐκ ἔσται = יְיָ יִשְׂרָאֵל. Teodocião κ. κρίμα οὐκ ἔστιν ἐν αὐτῶ.

26b. *e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.*

“*um príncipe que há de vir*” segundo o texto hebraico, deve ser um príncipe hostil, e o qual foi identificado pelos judeus, e segundo a Patrística foi identificado como um dos conquistadores romanos, pelos judeus como Vespasiano ou Adriano, por outros Pompeu, Herodes Agripa (Fraidl, *Exegese d. Siebzig Wochen*, pp. 38, 91, 93).

27. A última semana e o fim.

Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.

27a. “na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares” = 3½ anos, corresponde aos 3 anos em que o templo sofreu sacrilégio (*Antiguidade Judaicas* 168–165 e 1 Mac. 1:54 ff. e 4:52 ff.). Se considerar que a presente declaração é profética ou *post eventum*, a identificação se encaixa de forma satisfatória com alusão ao período dos Macabeus (1 Mac. 1:10 ff). A data da ascensão segundo a *Antiguidade Judaica* refere-se aos renegados judeus que receberam licença especial do rei cerca de 170 a.C.

27b. A próxima cláusula contém uma palavra obscura que é ainda mais complicada por uma sintaxe ininteligível no aparato massorético (מ) o texto no aparato massorético é expresso em outras versões com o seguinte significado: “e sobre a asa das abominações virá o assolador”.

O vocábulo “asa” é atestado por *Símaco* e a versão *Siriaca* אַנְפָּ (estado construto) [ἐπι] τῆς ἀρχῆς τῶν βδελυγμάτων (); e o *Siriaco* “sobre as asas da abominação”; todas as outras autoridades tratam a palavra como “absoluto”. Apenas algumas versões fazem uso da palavra “asa”, contida na variante de Teodocião que relata a seguinte oração: ἕως πτερυγίου ἀπὸ ἀφανισμοῦ.

A expressão “sobre a asa” em outras versões foi alterada conforme a *Septuaginta*, *Teodocião* e o *Códice Vaticano* os quais traduziram para ἐπὶ τὸ ἱερόν (sobre o templo) o qual a *Vulgata* fez uso *in templo*, mas a simplicidade de tal reversão não oferece nenhuma garantia quanto à sua correção, apenas para não tirar a credibilidade de Mt. 24:15, que inseriu a expressão ἐν τόπῳ ἁγίῳ (no lugar santo) o qual é uma paráfrase o qual discorda em paralelo com Mc. 13:14 que relata ὅπου οὐ δεῖ, (onde não devia estar).

“Abominação”. Outras versões relataram “Abominação da Desolação”, é, sem dúvida, um jogo de palavras satírica do Hebraico. O original aqui é שְׁקוּצִים מְשֻׁמִּים, comparando com 11:31, 12:11, há variantes indicando a seguinte leitura שְׁקוּץ שְׁמִים.²

É um substituto de desprezo para o nome da mais alta divindade pagã, em fenício בעל שָׁמַם (*Baal šamem*), “o Senhor do céu”, aparecendo no *Aramaico* da seguinte forma בעל שְׁמִין.³

Filo de Biblos (Eus., *Praep. evang.*, i, 10, 7) diz: “esse deus que nomearam Senhor do Céu, chamam-no de βεελασμην, que no Fenício é Senhor do Céu, e no grego Zeus.” ‘Ba.al’ foi substituído pela expressão שְׁקוּץ “abominação” um termo comum de ódio de um símbolo pagão (1 Rs. 11:5), etc.; este termo substituindo ‘Ba.al’ como aqui para בִּשְׁתָּ “vergonha” muitas vezes o faz em outros lugares, em nomes próprios, como, Mefibosete, e em passagens como Jeremias 11:3, onde há um paralelismo entre בִּשְׁתָּ e בַּעַל que está presente no texto. O equivalente exato aparece em 8:13, הַפֶּשַׁע שׁוֹמֵם.

“até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele”: Uma maneira ambígua de afirmar o destino esperado para acontecer com o arqui-inimigo. O verbo derramar conforme o versículo 11 é também usado da operação da ira divina, como o derramamento de fogo. As palavras iniciais constituem um hendíadis, “um fim determinado,” são citados a partir de Is. 10:23, 28:32.

A interpretação cristã da cronologia do versículo 25 foi totalmente deturpada pelo erro cometido por Teodocião na interpretação das Semanas “7” com as “62” semanas seguintes, como se 69 semanas fossem a primeira figura pretendida.

Jerônimo infelizmente seguiu o trabalho de Teodocião em perpetuar esse erro na Igreja Ocidental, e seus vestígios ainda são encontrados em várias versões.

A tradução de Teodocião e a *Vulgata* estava de acordo com as interpretações judaicas e cristãs que encontraram o cumprimento da profecia nos eventos do 1^a século a.C, e assim precisava de uma figura maior do que as 62 semanas = 434 anos para encher o interino.

² Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 1884, pag 248.

³ Lidzbarski, Nordsemitische Epigraphik, 239, *Eph.*, 2, 122, Baethgen, *Beiträge*, 23 ff., Montgomery, *Journal of Biblical Literature*, 28, 66 ff., etc

Mas tomar 538 a.C como ponto de partida para o cálculo destes 434 anos, se obtém 105 a.C, uma data impossível para qualquer coisa de valor profético.⁴

Pode se identificar satisfatoriamente o “ungido” com o sumo sacerdote Onias III, que foi assassinado quando convidado a corte de Antioquia (2 Mac. 4:7-38), que aconteceu cerca de 171 a.C

A Semana, então, encerra prospectivamente mais ou menos na época em que o templo foi recuperado e purificado pelos judeus, 165 a.C, e a metade da semana que representam os três anos da profanação do templo, 168-165 a.C.

1. **A interpretação contemporânea.** A primeira interpretação imediata dessa passagem é em 1 Mac 1:54: “no dia 15 de kislew o ano de 145 onde a abominação da desolação estava sobre o altar (βδέλυγμα ἐρημώσεως ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον).

O segundo ponto está nas visões de Enoque, capítulos 85–90, presente, 89: 68–90:27, uma série de 70 pastores que cobre o período desde a destruição de Jerusalém até o Reino messiânico; esses pastores são, evidentemente, distribuídos da seguinte forma: o Cativo 12, a idade do império Persa 23, a idade de Alexandria-ptolomaica (cerca 200) 23, A idade Síria 12 (o caráter arbitrário desta série numérica é óbvio). Tem-se aqui, então, uma réplica evidente das 70 semanas, com o mesmo prazo.

No versículo 26 a Septuaginta omitiu o vocábulo “semanas” 1º e em seguida lê “7 e 70 (*i.e.*, שְׁבַעִים שָׁנִים lido como שְׁבַעִים וְשִׁבְעִים) e 62”; esta interpolação da variante é repetida no versículo 27 pela Septuaginta, “após 7 e 70 e 62 anos,” sendo especificados 139 anos.

Em geral, então, a interpretação mais antiga das 70 semanas identifica o seu clímax com a perseguição de Antioquia.

O primeiro a aplicar a passagem para a destruição de Jerusalém em 70 d.C é feito por Josefo.⁵

⁴ Eusebius, *l.c.*, in one of his calculations, boldly accepts the consequence of dating 69 Weeks from year 1 of Cyrus to the death of the Hasmonæan prince Alexander Jannæus, 76 B.C., and understands the prediction of this *terminus* event as of the prelude of the anarchy which ushered in the Roman dominion.

⁵ Fraidl, pp 18-23, discute a possível reff